

# TRAÇADOS E PROJETOS NA PAISAGEM DE PORTO DE GALINHAS

## URBAN FABRIL AND PROJECTS IN PORTO DE GALINHA'S LANDSCAPE

### **ARRUDA, Juliana Bandeira de**

Arquiteta pela Universidade Federal de Pernambuco, mestranda do programa de pós-graduação em Desenvolvimento Urbano MDU/UFPE. E-mail: julibandeira@yahoo.com.br.

### **BEZERRA, Maria José de Lacerda**

Bióloga pela Universidade Federal da Paraíba, UFPB, mestre em Desenvolvimento e Meio Ambiente, UFPB. E-mail: mjlbezerra@globo.com.

### **SANTOS, Nelcy Magdala**

Arquiteta e urbanista, pela Universidade Federal de Pernambuco, UFPE. E-mail: nelcymagdala@uol.com.br.

### **SÁ CARNEIRO, Ana Rita**

Arquiteta, PhD, professora do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da UFPE, membro do Centro de Conservação Integrada Urbana e Territorial – CECl e coord. do Laboratório da Paisagem da UFPE. E-mail: anaritacarneiro@hotmail.com.

## **RESUMO**

O presente texto vem contribuir para a interpretação do conteúdo da paisagem urbana através da análise do traçado de Porto de Galinhas, região localizada no litoral de Pernambuco. O objetivo principal é discutir a morfologia da paisagem através do traçado do loteamento Recanto de Porto de Galinhas I, II e III, considerando principalmente como a forma do traçado repercutiu no uso nos espaços públicos. Assim, essa análise focalizou o traçado deste loteamento mostrando diferentes arranjos na relação dos traçados formadores dos principais espaços livres públicos existentes: a faixa de praia e a praça.

**Palavras-chave: Paisagem, traçado e espaço livre público.**

## **ABSTRACT**

*The following text contributes to understand the content of the urban landscape by considering the analysis of the tracing of Porto de Galinhas, site located on the coast of Pernambuco State. The main objective is to discuss the landscape's morphology attempting to the tracing of the division of land into lots named Porto de Galinhas' Retreat I, II and III, considering, essentially, how the tracing configuration had an indirect influence upon the use of the public spaces. So, this analysis focused on the tracing configuration of this division of land, showing different arrangement between the connection of two tracing configuration, that were responsible for furnish the most important public spaces: the beach zone and the square.*

**Key words: Landscape, urban fabril, public spaces.**

## **1 – Introdução**

As paisagens urbanas revelam a inter-relação entre as ações humanas e os processos naturais. Ao longo dos anos os processos de construção das cidades têm dado pouca relevância ao diálogo entre as paisagens naturais e as paisagens construídas. O que se vê, geralmente, são soluções urbanas desumanas onde a prioridade é construir para obter vantagens financeiras sem a preocupação com a oferta e qualidade de espaços livres públicos, estes, responsáveis pela vida da cidade e com a conservação da paisagem.

Acredita-se, no entanto, que informando os agentes intervenientes para produzirem um planejamento consciente dessa realidade, isso poderá contribuir para o desenvolvimento

de “boas práticas urbanas”, que valorizem os elementos da paisagem especialmente em cidades litorâneas com grande potencial turístico / paisagístico.

No caso de Porto de Galinhas a análise dos traçados formadores dos espaços livres públicos surge como um canal de discussão por onde essas boas práticas podem encontrar suporte. Tendo também na compreensão da história do lugar as bases fundamentais para a construção de práticas paisagísticas adequadas.

Assim, o texto restringiu-se em 3 tópicos de discussão nos quais parte-se dos conceitos de paisagem e paisagem cultural. Posteriormente, percorre-se a história da criação do loteamento Recanto de Porto de Galinhas I, II e III, identificando e caracterizando os diferentes traçados existentes e seu desdobramento na oferta dos espaços livres públicos. Por fim, constata-se se os conceitos assinalados são pertinentes nos diferentes traçados encontrados tendo em mente a relação entre paisagem, história e traçado.

## 2 – Paisagem e traçado

Admitindo sua dinamicidade, e que a paisagem é construída socialmente, entende-se que a ação do homem sobre a natureza, transformando-a, constitui uma paisagem cultural e que traz como resultado um produto social.

No início no século XX, a paisagem foi abordada numa perspectiva cultural por Carl Sauer que privilegiou a análise morfológica da paisagem considerando os aspectos materiais da cultura. Nas palavras de Sauer: *“a paisagem cultural é modelada a partir de uma paisagem natural por um grupo cultural. A cultura é o agente, a área natural é o meio e a paisagem cultural o resultado”* (SAUER, apud, CORRÊA E ROSENDAHL, 1998, p. 9).

Na década de 1970 Corrêa e Rosendahl inseriram uma nova abordagem considerando a complexidade da paisagem e desenvolvendo então um estudo de suas dimensões. Para Corrêa e Rosendahl a paisagem apresenta simultaneamente várias dimensões que podem ser morfológica, funcional, histórica, espacial e simbólica e seu conteúdo é encontrado nas qualidades físicas da área e nas formas do seu uso.

Adotando a dimensão morfológica *“a identidade da paisagem é determinada antes de mais nada, pela visibilidade da forma”* (SAUER, apud, CORRÊA E ROSENDAHL, 1998, p. 28), pois é a partir da paisagem local que se desenha ou constrói a cidade e se promove a identificação dos elementos morfológicos do espaço urbano. Segundo Lamas *“O traçado é um dos elementos mais claramente identificáveis tanto na forma de uma cidade como no gesto de projetar”* (LAMAS, J. Garcia, 2000, p. 98). Assim o ato de projetar é onde o urbanista situa, dimensiona, hierarquiza e interliga esses elementos morfológicos, que podem estar representados por ruas, praças, quadras e outras formas urbanas, tendo no traçado o componente resultante do plano.

Na praia de Porto de Galinhas, localizada no município de Ipojuca-PE a 60 quilômetros de Recife, podem ser identificados dois tipos de traçados urbanos distintos: o espontâneo e o funcional. Tais traçados, resultado de uma variedade de combinações, geram diferentes formas na malha urbana. Dentro dessa malha urbana destacam-se os espaços públicos cujos *“atributos tem uma relação direta com a vida pública”* (GOMES, 2002, p. 160). A oferta e a qualidade dos espaços públicos deveria ser a primeira condição para o projeto urbano.

O referido autor defende a importância da dimensão física dos espaços públicos ressaltando que *“fisicamente é qualquer tipo de espaço onde não haja obstáculos à possibilidade de acessos e participação de qualquer tipo de pessoa”* (GOMES, 2002, p. 160) e ainda Habermas acrescenta *“(...) é neles onde os problemas se apresentam, tomam forma, ganham uma dimensão e são resolvidos”* (HABERMAS apud GOMES, p. 160). Daí é que se coloca em discussão a

necessidade e o desafio de se entender a força do traçado no projeto urbano ao trazer acessibilidade, conforto e qualidade aos espaços públicos e sua paisagem como continuidade de uma paisagem existente.

Seguindo esse raciocínio, paisagem natural, homem e acessibilidade são componentes básicos na compreensão dos espaços públicos. Assim é que a associação entre esses três conceitos: paisagem, traçado e espaço público tem sua resposta na dimensão morfológica. E segundo Sauer, a dimensão morfológica da paisagem, "(...) é um conjunto de formas criadas pela natureza e pela ação humana (...)" (CORRÊA e ROSENDAHL, 1998, p. 8).

Ao rebater tais conhecimentos na realidade de Porto de Galinhas, verifica-se que é fundamental entender um pouco da história da criação da ocupação urbana desta praia, famosa pela sua bela paisagem marítima. Daí é que a vida de Porto está atrelada, à principal atração turística da cidade, que é a paisagem da praia. Uma paisagem natural formada pela vegetação nativa e pelo mar de águas mornas e cristalinas, rico em recifes de corais, e com toda a extensão da faixa de praia cheia de coqueirais (Figura 1).

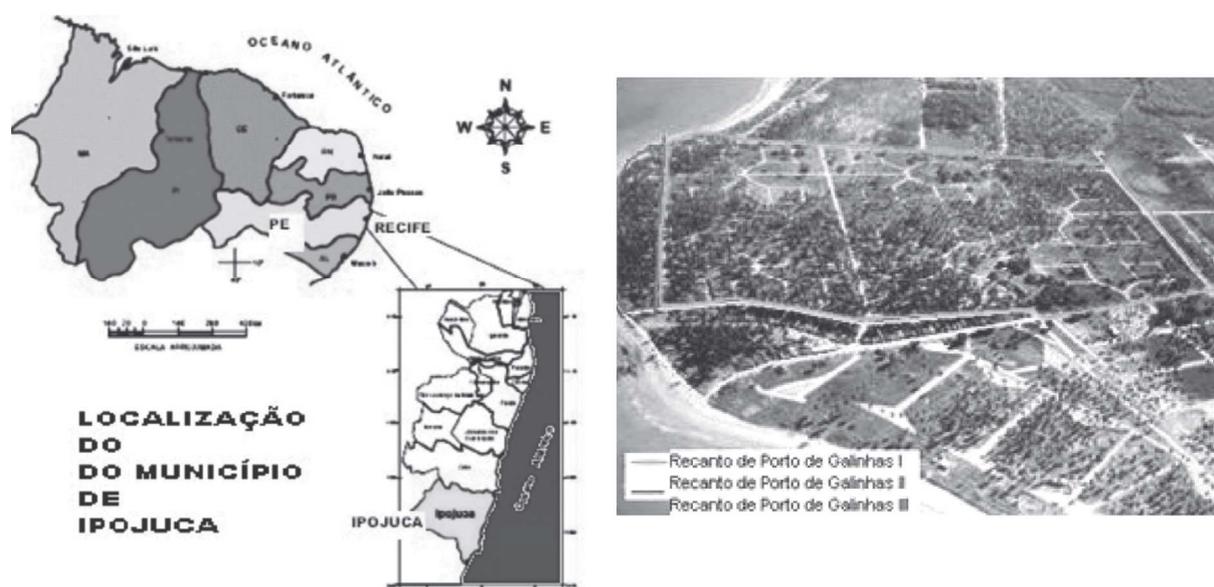


Figura 1: localização da região no município de Ipojuca - PE e Figura 2: Vista aérea de Porto de Galinhas em 1978, mostrando os traçados do Loteamento Recanto de Porto de Galinhas (RPG I, RPG II e RPG III)  
Fonte: CPRH, 2000 e Porto de Galinhas de ponta a ponta, 1998

Porto de Galinhas era inicialmente território dos índios caetés com uma paisagem natural formada pela convivência entre a mata atlântica e o ambiente de praia. Aos poucos, a mata atlântica é substituída pela plantação de côco. De 1900 a 1960, essa paisagem vai se modificando, predominando casas de veraneio das famílias e descendentes dos donos de propriedade. A



Figura 3: Panorâmica da paisagem da faixa de praia em Porto de Galinhas  
Fonte: Porto Para Sempre, 2005

partir de 1960 a classe média mais privilegiada das regiões e municípios vizinhos “descobre” a paisagem natural intensificando a construção de casas. É neste período que começa a especulação imobiliária e o desmembramento do solo com a oferta de vastas áreas loteadas. Esse estudo focaliza então o período de 1960 até os dias atuais, que atinge o período em que os índices mercadológicos passaram a guiar as intervenções na paisagem (Figura 3).

O primeiro loteamento foi denominado Recanto de Porto de Galinhas (RPG) que foi subdividido em 3 partes: RPG I, RPG II e RPG III, áreas de análise neste texto. De um traçado espontâneo (RPG II) passa-se para um traçado rígido (RPG I) em que a proposta urbanística apresentada com fins especulativos impressiona pela ordem, mas não responde no uso. Exemplificando esse fato, tem-se a vila de pescadores, inserida dentro do loteamento citado (RPG II), que se iniciou de maneira irregular com lotes assimétricos e que posteriormente é desprezado nas intenções da proposta urbana posterior alterando o uso de residencial para comercial e aumentando o fluxo de veículos e de pedestres.

### 3 – Traçado espontâneo e traçado planejado

O encanto e a utilidade vital da água sempre foi motivo para a aglomeração de pessoas. Em Porto de Galinhas o mar foi o elemento da paisagem que garantiu a sobrevivência da população nativa quando se formou a vila de pescadores. O modo de vida singelo e de relação direta com o mar originou um traçado espontâneo de forma e ocupação irregulares, liberando acessos rumo ao mar e integrando o traçado à paisagem natural.

Percebe-se, logo à primeira vista, ao analisar o mapa do loteamento, o desencontro do traçado livre e mais orgânico da vila de pescadores e da orla, com o traçado rígido e ortogonal do loteamento projetado posteriormente, uma verdadeira ruptura. No primeiro tipo de traçado caracteriza-se a espontaneidade e a sinuosidade, gerando paisagens peculiares da vila de pescadores que se iniciou com lotes modestos e expressando um desenho primitivo.

Outro exemplo existente desse primeiro tipo de traçado é a faixa de praia. Seu traçado, de forma livre, faz com que a silhueta do mar seja percebida sob um ângulo de visão mais aberto, ampliando a escala de percepção do ambiente e criando um lugar propício ao encontro das pessoas e dos sentimentos: de liberdade, onde a linha do horizonte é o limite, de democracia da vista, já que o mar é de acesso a todos e de fuga do estresse urbano.

Posteriormente o mar é percebido como forte atração turística incentivando o parcelamento racional do solo e implantando um traçado adequado ao lucro e sem associar à paisagem natural.

A primeira expressão do projeto urbano ocorreu em 1977; e em 1978 foi implantado o loteamento Recanto de Porto de Galinhas I (RPG I), proposta idealizada por escritório de arquitetura do Recife que planejou para cada conjunto de quadras uma praça interna preservando o coqueiral existente. Segundo seus idealizadores, essa preservação do coqueiral era como uma referência à paisagem natural, onde as frentes dos lotes se dariam para essas praças, numa intenção de preservar a paisagem do lugar.

O ponto de partida não foi o espaço público à imagem da faixa ondulada da praia, mas sim, uma forma estática que rompia com o existente. Na execução do projeto não houve respeito a alguns princípios propostos e alterou-se seu dimensionamento. Além disso, houve a ocorrência de invasões nas calçadas propostas segundo o tratamento paisagístico do projeto. Essas condições então impediram que o projeto fosse implantado na sua integridade. O conflito de interesses durante sua implantação reduziu ainda a oferta de espaços livres públicos.

Então, nota-se em Porto de Galinhas contrastes, do ponto de vista morfológico no traçado. Comparando o RPG II com o RPG I dentro do Loteamento Recanto Porto de Galinhas tem-se que: o RPG II, parte mais antiga, ainda preserva a espontaneidade do traçado e o RPG I, formado

pelo conjunto de praças tem características funcionalistas de traçado a partir de uma quadrícula. Trata-se, de um contraste que conflita as formas dos espaços livres públicos existentes: a faixa de praia e as praças (Figura 4).

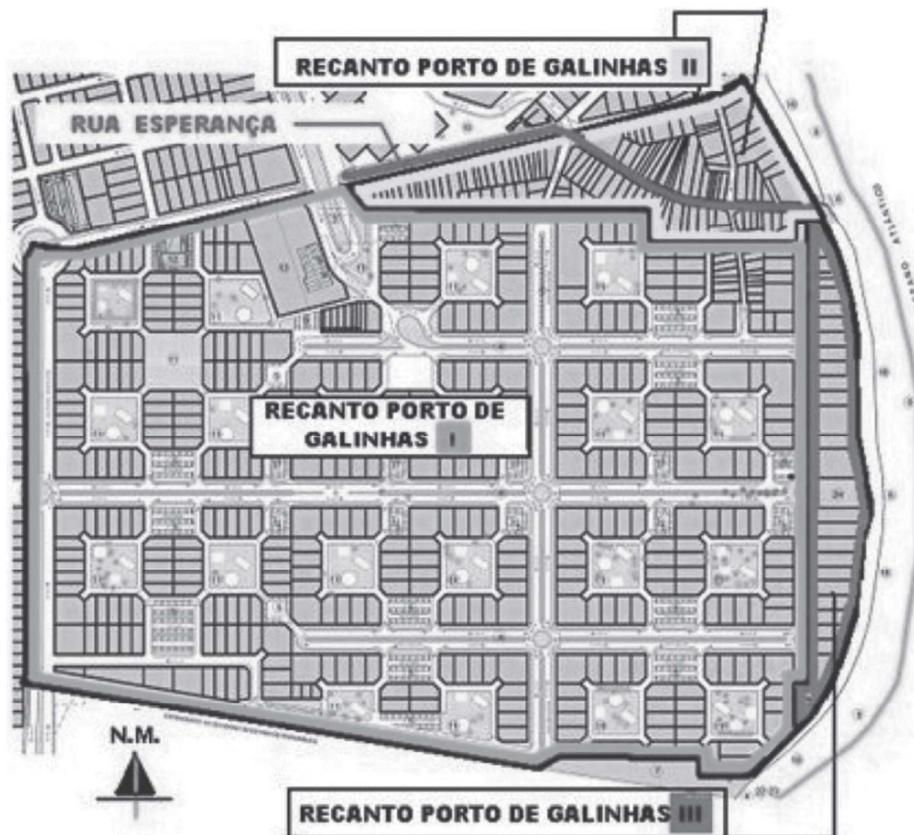


Figura 4: Planta do Loteamento Recanto de Porto de Galinhas RPG I, RPG II, e RPG III (adaptada). Note-se a RPG II e III de traçados espontâneos  
 Fonte: Prefeitura Municipal de Ipojuca, 2003

Já o RPG III, formado pelo conjunto dos lotes a beira mar, não se enquadra rigidamente na classificação de um traçado funcional ou espontâneo, pois origina uma barreira que separa a paisagem natural litorânea, pela presença contínua dos lotes voltados para o mar com algumas aberturas para acessos para pedestres.

Tomando a faixa de praia como ponto de partida para a próxima análise, identificou-se que o RPG II dentro do loteamento em questão se integra com a paisagem do mar, principalmente pelo fato de dispor de acesso, o que não acontece com o RPG I e o RPG III, pois seu traçado dificulta a conexão com esta paisagem. Dentro desta perspectiva da morfologia, a forma ondulada da faixa de praia deveria ser o ponto de partida de elementos morfológicos para dar continuidade à paisagem de Porto de Galinhas. Em outras palavras, pode-se deduzir que ocorrem rupturas no caráter da paisagem porque ao mesmo tempo em que possui um litoral de grande beleza natural, ele é interceptado em sua visibilidade e vivência. Isso cerceia a participação e o uso nos espaços públicos, obrigando o visitante e o morador a congestionar os espaços mais próximos à orla.

Dessa maneira, se instala a seguinte dicotomia: entre a regularidade e a irregularidade do traçado. Parece que a irregularidade do traçado espontâneo teria resposta no desenho da faixa de praia. A implantação de um desenho ortogonal, indiferente ao então existente cria uma outra paisagem não associada. O descompasso de formas responde com um uso desvinculado nos espaços públicos (Figura 5).

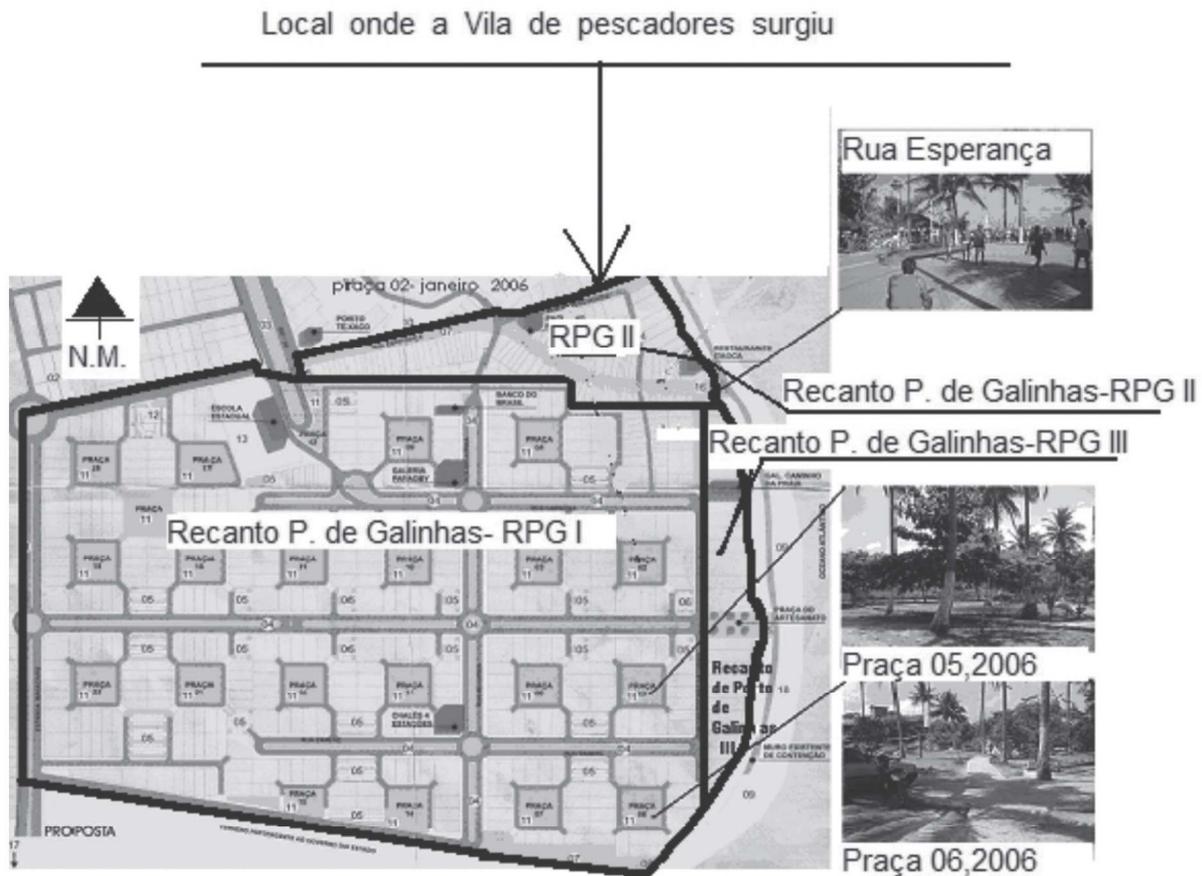


Figura 5: Proposta de intervenção no Loteamento Porto de Galinhas, RPG I, RPG II, RPG III (adaptada). Mostrando o contraste do traçado da área do RPG I com as demais áreas  
 Fonte: SEDUPE / Prefeitura Municipal de Ipojuca, 2003. Fotos: Acervo da autora Nelcy Magdala, 2006

## Conclusões

O estudo da paisagem é um vasto campo de pesquisas, de novos desafios e descobertas. Para o caso de Porto de Galinhas, a discussão da morfologia da paisagem através do traçado urbano do loteamento Recanto de Porto de Galinhas I, II e III, permitiu identificar 2 traçados distintos: o traçado espontâneo e o traçado funcionalista os quais refletem seus contrastes na paisagem.

No Loteamento do Recanto de Porto de Galinhas, o traçado funcional e irregular não se relacionam com a linha da praia rompendo com os traços locais. Paisagem e traçado parecem elementos distintos, desconectados, independentes, quando deveriam estar interligados. No entanto, não é o que acontece neste loteamento em sua parte II, onde se percebe a relação mais integrada do traçado remanescente da antiga vila de pescadores com a linha do mar. A forma espontânea abre o ângulo de visão para o mar e permite o descortino da paisagem com um todo.

Nas propostas de intervenção urbana no litoral, a relação com o mar deve ser o ponto de partida, pois esse é o atrativo principal. O contraste entre o natural e o construído precisa ser diluído através de associações e relações criando ritmos e movimentos de amenização e adequação na malha urbana.

Contudo, constatou-se que para os diferentes traçados encontrados, diferentes princípios foram adotados. Assim verificou-se que no período inicial de ocupação, o traçado se baseava em atender a sobrevivência da população nativa, o que gerou a formação de uma vila de pescadores (RPG II), trazendo vida e dinamicidade ao local. Já no período compreendido entre 1960 e os dias atuais, o traçado segue os princípios do mercado imobiliário, originando muitas vezes

formas desvinculadas da paisagem e implicando em praças vazias e mal conservadas (RPG I). Então, já que não houve uma sistemática na ocupação e no traçado urbano de forma integrada à paisagem local, os conceitos assinalados serviram de base para indicar os direcionamentos para a conservação desses espaços. Entre os dois traçados constata-se a falta de integração o que não garante continuidade da paisagem.

A dinâmica da paisagem de Porto de Galinhas foi pertinente para a compreensão do conceito de paisagem por meio de sua dimensão morfológica relacionando dois traçados encontrados. Os traçados são de diferentes formas e repercutem nos espaços públicos que possuem características capazes de associar tempos e formas diferentes se fossem priorizados nas definições planejadas. Quando integrado na paisagem, o traçado possibilitaria a acessibilidade, e condições favoráveis a uma convivência com os recursos naturais disponíveis. Assim, nesse caso de Porto de Galinhas, a vegetação, a água e o traçado somados à história do lugar deveriam servir de premissa para os agentes públicos intervirem e planejarem a realidade local.

## Notas

- (1) Este texto faz parte do trabalho final desenvolvido para a disciplina Conservação dos Espaços Públicos e da Paisagem do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Urbano da UFPE, ministrada pelas professoras doutoras Ana Rita Sá Carneiro e Vera Mayrinck durante o segundo semestre do ano de 2005.
- (2) O termo “boas práticas” surge quando das discussões mundiais quanto ao desenvolvimento sustentável entre elas programas de boas práticas foram desenvolvidos pós AGENDA HABITAT.
- (3) A denominação dada ao traçado de características, funcionalistas e/ou racionalistas, faz referência ao movimento moderno, onde a idéia de produção em massa associada a racionalização e padronização dos processos, trouxe uma produção de cidade em que as soluções para a circulação em tabuleiro xadrez se expandia para todo o espaço, fazendo surgir uma arquitetura sem uma referência local e que posteriormente foi denominada de estilo internacional.

## Bibliografia

- BRANDÃO, Zeca; DANTAS Ney. Porto para sempre – coordenadores do trabalho no Programa Interdisciplinar de Desenho Urbano – Estratégia de Desenvolvimento Urbano – Workshop Internacional de Desenho Urbano, 2005.
- BRITO, Saturnino de. Le trace sanitaire des villes (1916). In: *Obras completas*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1944. Urbanismo – Estudos Diversos.
- CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zevy. *Paisagem, tempo e cultura*. Rio de Janeiro: UERJ, 1998.
- GOMES, Paulo César da Costa. *A condição urbana: Ensaio de geopolítica da cidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- FRANCO, Maria de Assunção Ribeiro. *Desenho ambiental: Uma introdução a arquitetura da paisagem com o paradigma ecológico*. São Paulo: Annablume, Fapesp, 1997.
- MENEZES, Ulpiano. A paisagem como fato cultural. In: YÁZIGI, Eduardo. *Turismo e paisagem*. São Paulo: Editora Contexto. 2002. p. 29-64.
- LAMAS, José M. Ressano Garcia. *Morfologia urbana e desenho da cidade*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2000.
- PONTUAL, Arquitetos. O reordenamento urbano de Porto de Galinhas. *Desafio 21: Gestão e Competitividade*, Recife, n. 289, 2004.
- SÁ CARNEIRO, Ana Rita; MESQUITA, Liana de Barros. *Espaços livres do Recife*. Recife: Prefeitura da Cidade do Recife/UFPE, 2000.
- SITTE, Camillo. *A construção da cidade segundo seus princípios artísticos*. Tradução de Ricardo Ferreira Henrique. 4. ed. São Paulo: Ática, 1992.